**BOTA A FALA contra o preconceito**

MARCOS CARVALHO LOPES[[1]](#footnote-1)

MAGNUSSON DA COSTA[[2]](#footnote-2)

TANIA CORREA JALÓ[[3]](#footnote-3)

LAURO JOSÉ CARDOSO[[4]](#footnote-4)

SULEIMANE ALFA BÁ[[5]](#footnote-5)

JOÃO DITO SAMBU[[6]](#footnote-6)

VICTOR CASSAMÁ[[7]](#footnote-7)

KADIJA AISSA TURÉ[[8]](#footnote-8)

RÓ GILBERTO G. CÁ[[9]](#footnote-9)

*O hip-hop foi criado por jovens negros urbanos e talentosos nos Estados Unidos, que fundiram formas musicais do Novo Mundo africano e estilos retóricos com as novas tecnologias pós-modernas. Assim como os spirituals, Blues e jazz – as maiores formas de arte que emergiram dos Estados Unidos –, a música hip-hop expressou e representou a* parrhesia *socrática (discurso ousado, franco e simples diante da moralidade convencional e do poder fortificado). Os objetivos básicos do hip-hop também se desdobram em três: criar uma agradável diversão e uma arte séria para os rituais dos jovens; criar novas maneiras de escapar da miséria social; e explorar novas respostas para o significado e sentimento em um mundo dirigido para o mercado. (WEST, 2006: p.15)*

O projeto **Bota a fala: hip hop, reconhecimento e *paideia* democrática** surgiu de um desafio feito pelos estudantes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. Um desafio diferente, ou melhor, uma provocação criativa que gera sentido. Este desa*fio* se “fia” numa lealdade, na confiança, numa” fé” que é a chave pedagógica de qualquer educação que valha a pena. A*fiamos* nossas palavras em comum, em diálogo, que retece os sentidos. Porém, seguindo o encontro, houve um movimento, um desvio, uma inversão na direção da ação, uma abertura que *des*constrói e redescreve. Explicar em que circunstâncias isso aconteceu ajuda a entender como a aproximação com o hip-hop des-a-fiam e como este projeto pretende contribuir para o desenvolvimento de uma educação (paideia) democrática.

O Bota a fala começou em janeiro de 2015, partindo do desafio de utilizar uma linguagem que os estudantes dominavam e gostavam, desenvolvendo canções que servissem tanto para das boas vindas aos estudantes (estrangeiros e brasileiros que chegavam à UNILAB), quanto como uma forma de denunciar e combater o preconceito, um problema que no cotidiano surgiu como novidade negativa para aqueles que vieram de países lusófonos da África para estudar no Brasil. A miragem da democracia racial ainda engana...

O resultado da primeira apresentação foi amplamente positivo. De lá para cá o grupo já participou de diversos eventos, bate-papos etc. De todo modo, o sentido do Bota a fala esta mais na autocriação e autodeterminação expressa em suas canções do que em qualquer teoria prévia. De todo modo, há sempre alguns pressupostos que mereceriam ser mais bem descritos.

O **Bota a fala** é um projeto de pesquisa educacional baseado nas artes, que utiliza o hip-hop como linguagem para compor uma educação (*paideia*) democrática. Desenvolvido por estudantes da UNILAB do Campus dos Malês da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), o **Bota a fala** procurar dar voz e debater questões raciais, questionar estereótipos de gênero, pensar as relações entre educação estética e autocriação ética, valorizando os múltiplos letramentos potencializados pelo hip-hop.

Identificando-se como um projeto de pesquisa educacional baseado nas artes (*Arts-based Teacher Education Project*), o **Bota a fala** desenvolve uma modalidade de investigação qualitativa no campo da educação na qual os produtos artísticos e o processo criativo de construção são reconhecidos como “representando” resultados. Neste sentido, partimos do reconhecimento de que uma *performance* do grupo apresenta resultados da pesquisa desenvolvida, aproximando o fazer artístico e acadêmico (TELLES: 2006 e DIAS; 2003).

O hip-hop já tem um amplo reconhecimento dentro dos estudos afro-diaspóricos, tanto por sua relevância como uma forma de cultura global que pede uma contextualização local, construindo formas de expressão que misturam elementos prévios, questionando pressupostos culturais (teóricos, estéticos, políticos etc.) universalistas e da originalidade e propriedade, servindo como instrumento privilegiado na construção de uma forma de educação democrática, que rompa com os pressupostos academicistas bancários e desenraizados.

Por conta deste potencial como forma de cultura global, o hip-hop permite a conexão entre culturas diversas que se reconhecem através da construção de identidades pós-coloniais em que a cultura afro-diaspórica afirma sua condição de agente. O tipo de abertura que a *performance* e a canção proporcionam, ampliam as possibilidades de reconhecimento e identificação moral.

A identificação moral é um pressuposto para qualquer educação que pretenda modificar os sentimentos e narrativas, promovendo um tipo de educação profunda que mereça o nome de democrática.

Não trataremos aqui de explicar todos os nossos pressupostos teóricos, mas seguimos a estética pragmatista proposta por John Dewey e desenvolvida por Richard Shusterman e Cornel West – inspirada no neopragmatismo de Richard Rorty – para abarcar o hip-hop; nos apropriamos da concepção de educação de Paulo Freire, pensando o oprimido como desenraizado; dialogamos com os letramentos de reexistência de Ana Lúcia Silva Souza; da filosofia pop de Charles Feitosa; da afroperspectiva de Renato Noguera etc.

Aqui apresentaremos uma das primeiras canções compostas pelo Bota a fala: “Preconceito”. O desenvolvimento da letra foi feito como um trabalho ao mesmo tempo coletivo e individual, já que as estrofes geralmente foram escritas por uma única pessoa. Por isso mesmo, as letras não deixam de ser polifônicas e a tentativa, desenvolvida na sequencia deste texto, de descrevê-las de modo narrativo e híbrido (sampleando seu sentido com aqueles propostos por textos teóricos) não deve ser tomada como uma reificação, mas como uma tentativa de complexificar e fazer pensar mais e mais com as canções.

**Preconceito**

O que significa a autoafirmação de ser negro/preto/africano? Este primeiro verso é um gesto de autodeterminação cujo significado é de um desafio. Desafio ao primeiro movimento daquilo que Achelle Mbembe chamou de “razão negra”, como sendo a “*consciência ocidental do negro*”, um conjunto de práticas discursivas que cotidianamente sustentam a descrição do negro “enquanto sujeito de raça e exterioridade selvagem, passível, a tal respeito, de desqualificação moral e de instrumentalização prática” (MBEMBE, 2014: p.58). Esse primeiro discurso, que se pretendia universal, aos poucos foi se deteriorando, ganhando tons desafinados, vozes dissonantes que o contradiziam e contestavam, num segundo texto que apresenta justamente, *a consciência negra do Negro.* Esta última se apresentariajustamente a partir do gesto de autodeterminação, que vem acompanhado de um “modo de presença em si, olhar interior e utopia crítica”. Explica Mbembe que “se a consciência ocidental é um *julgamento de identidade*, este texto segundo será, pelo contrário, uma *declaração de identidade*. Através dele, o Negro diz de si mesmo que é aquilo que não foi apreendido; aquele que não está onde se diz estar, e muito menos onde o procuramos, mas antes no lugar onde não é pensado” (MBEMBE, 2014: p.59). Esta, que deveria ser uma canção sobre “preconceito” – como afirma o título –, é na verdade uma canção de autoafirmação (que não tem como tônica nenhuma posição cordial ou de dupla consciência).

A apropriação positiva do nome negro é, na descrição de Mbembe, uma forma de *subversão* daquilo que é *atribuído* e muitas vezes *interiorizado* como sendo a “consciência ocidental do negro”. Esta subversão, de certo modo, “explode por dentro” a própria função preconceituosa do nome “negro”, que redescrito, apropria-se do passado de escravatura, segregação e colonização, em que os corpos eram utilizados como objetos sem voz, para afirmar o agora em que se tem o microfone nas mãos, como aquele em que se afirma/cria um novo sentido, de protagonismo, de agenciamento.

Com esta redescrição a própria palavra “negro” se esvazia de um modo semelhante aquele em que Franz Fanon o utilizou

*o termo “Negro” advém mais de um mecanismo de atribuição do que de autodesignação. Eu não sou negro, declara Fanon, nem sou um negro. Negro não é nem meu nome nem apelido, e menos ainda a minha essência e identidade. Sou um ser humano e isto basta. O Outro pode disputar em mim esta qualidade, mas nunca conseguirá tirar a minha pele ontológica. O facto de ser escravo, de ser colonizado, de ser alvo de discriminações de toda a espécie de praxes, vexações, privações e humilhações, em virtude da cor da pele, não muda absolutamente nada. Continuo a ser uma pessoa intrinsecamente humana, por mais violentas que sejam as tentativas que pretendem fazer-me crer do contrário. Este excedente ineliminável, que escapa a qualquer captura e fixação num estatuto social e jurídico e quem nem a própria condenação à morte conseguiria interromper, nenhuma designação, nenhuma medida administrativa, nenhuma lei ou atribuição, nenhuma doutrina e nenhum dogma poderão apagá-lo. “Negro” é portanto uma alcunha, a túnica com a qual outros me disfarçaram e na qual me tentam encerrar. Mas entre a alcunha, aquilo que pretendem que ele diga e o ser humano que deve interioriza-lo, há algo que jamais deixará de fazer parte do afastamento. E é este afastamento que o sujeito é chamado a cultivar e, até, a radicalizar (MBEMBE, 2014: p.88).*

O que não se apreende é a voz, é o canto é o gesto de contestação próprio da linguagem hip-hop. O racista passa a ser visto como alguém infantilizado, que bem merece assim ser tratado. A possibilidade de criar novas harmonias na UNILAB, de fazer deste lugar um espaço que combate e vai contra qualquer forma de discriminação é tema do Bota a fala, que explicitamente apropria-se da arte para multiplicar sentidos: precisamos intervir para melhorar as coisas, aprimorar o mundo. Este sentido de arregaçar as mandas a invés de prender-se a qualquer ressentimento é bem pragmatista – é o otimismo da vontade tentando superar o pessimismo da razão.

Quem tem a palavra agora não veio para o Brasil na condição de escravo, muito pelo contrário, é alguém que pode ironizar a pretensão dos que se dizem civilizados, sabendo que, ao levantar a voz causara “espanto”, que sua autodeterminação fere os pressupostos do universalismo que define o que é ou não conhecimento. Perguntar ao ouvinte ignorante e preconceituoso, que ocupa o lugar de quem se prende ao primeiro movimento da razão negra, se entendeu o que foi dito, é inverter o jogo. Um passo a mais está em afirmar a co-dependência, e pelas diferenças reconhecer *ubuntu*.

Mai uma inversão é tomar as diferenças de cor como resultado das filiações que partem da negritude: os negros e as negras são tomados como padrão, aqueles que são a humanidade original.

A polifonia toma lugar sem um discurso final, apenas a afirmação de que na UNILAB teremos um espaço em que as diferenças seriam respeitadas, ou melhor, superadas por esta autodeterminação. Se temos diferenças culturais e de tons de pele, mais coisas nos aproximam, muito mais coisas e sentimentos. È preciso seguir o *beat* para entender, a pulsação, a emoção compartilhada na performance da canção, produz uma harmonia que materializa este sentido.

Eis a letra:

***Preconceito***

*Eu sou negro*

*Eu sou preto*

*Eu sou africano*

*Com muito orgulho*

*Nada nos possa deter mesmo que muitos nos diga que não*

*Sempre de cabeça erguida que vamos conquistar*

*Se dantes éramos levado para a Europa*

*Trazidos para as Américas*

*Usados como cobaias*

*Trabalhando como escravos*

*Mas agora, é a hora, da nossa afirmação*

*Negro no poder*

*Negro no poder*

*Por que de tanto preconceito?*

*Por que de tanta discriminação?*

*Podemos ter diferenças na cultura ou na cor da pele*

*Mas todos nós pertencemos a uma única raça “a raça humana”*

*Pra tu que es negro*

*Pra tu que não é racista*

*Ponha as mãos no ar e grita numa só voz*

*Não ao preconceito!*

*Não à discriminação!*

*Não ao preconceito!*

*Não à discriminação!*

*Podemos ter a diferença na cultura ou na cor*

*Unidos pela história somos todos iguais*

*O racismo é mau, quem negar leva tau-tau,*

*Eu sou africano, 100% black power*

*Tipo Tina Turner,*

*Com uma voz gigante,*

*Venho de São Tomé, pois aqui somos irmãos, vês?!*

*Sinta a pressão dessa pura mensagem,*

*Arte e imaginação, sentido sem bandidagem.*

*UNILAB nas costas, vamos abrir as portas,*

*Ignorando os preconceitos, firmando novos conceitos.*

*Sintonia lusófona em terreno brasileiro,*

*Harmonia autêntica para o mundo inteiro,*

*Clap-clap, batam as palmas, reflitam sobre o assunto,*

*Não a discriminação, é esse o bom conteúdo.*

*Ser negro é bom, transmito isso no som,*

*Independentemente da cor, escutem bem esse louvor.*

*Repitam aqui o refrão, deixa entrar no coração,*

*Somos a equipa de ação, prontos para a intervenção… ya!”*

*Podemos ter a diferença na cultura ou na cor*

*Unidos pela história somos todos iguais*

*não viemos acorrentados em navios negreiros*

*como no século passado não…*

*chegamos aqui, uns de terno e gravata,*

*relógio no pulso, cabeças raspadas, sei lá…*

*se isso é que chamam de civilização.*

*que cara é essa brow? sou diferente?*

*sou. pra frente eu vou.*

*qual é a parte da minha historia que você não entendeu?*

*por ser diferente não me faz teu inimigo,*

*nossas diferenças que fazem do mundo, mundo.*

*preciso de ti, sei que precisas de mim. brow, sacou?*

*Negro ou negra*

*também pode ser*

*pai ou mãe*

*por isso pode ter*

*a diferença*

*na cultura ou na cor*

*mas que na verdade*

*somos todos iguais*

*Podemos ter a diferença na cultura ou na cor*

*Unidos pela história somos todos iguais*

*Somos todos iguais , meu irmão deixa de mania*

*Ouça bem este beat rap, este flow*

*Dito Buanh SD, pronto eu estou aqui*

*-”eu não sou ninguém brother”*

*“vai, olha para mim, homem como tu, como qualquer um”*

*Homem malcriado, deixa de maldade não me trate assim, vai*

*Esquece minha raça, minha fala*

*Não importa se sou pobre e vivo na senzala ou no gueto*

*O que é certo mam aqui todos somos iguais*

*Vai, respeita seu brother,*

*bora!*

**REFERÊNCIAS:**.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução de Marta Lança. 1ª ed. Lisboa: Antígona, 2014.

WEST, Cornel. “Prefácio”. In: DARBY, Derrick e SHELBY, Tommie. (Org.). **Hip Hop e a Filosofia**. Da rima à razão. Trad. Martha Malvelli Leal. São Paulo: Madras, 2006. p.15-16.

1. Professor na UNILAB – Campus dos Malês em São Francisco do Conde, é doutor em filosofia pela UFRJ e pós-doutorando em Literatura, cultura e contemporaneidade pela PUC-RJ. [↑](#footnote-ref-1)
2. UNILAB, discente do curso de Humanidades, bolsista PIBEAC/UNILAB. [↑](#footnote-ref-2)
3. UNILAB, discente do curso de Humanidades. [↑](#footnote-ref-3)
4. UNILAB, discente do curso de Letras, bolsista voluntário PIBEAC/UNILAB.. [↑](#footnote-ref-4)
5. UNILAB, discente do curso de Humanidades. [↑](#footnote-ref-5)
6. UNILAB, discente do curso de Letras. [↑](#footnote-ref-6)
7. UNILAB, discente do curso de Letras, bolsista voluntário do projeto de extensão Bota a fala: hip-hop, reconhecimento e Paideia democrática. [↑](#footnote-ref-7)
8. UNILAB, discente do curso de Letras. [↑](#footnote-ref-8)
9. UNILAB, discente do curso de Humanidades, bolsista voluntário do projeto de extensão Canção popular e ensino de filosofia. [↑](#footnote-ref-9)